

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

MARIAS QUE VENCERAM NA VIDA: UMA ANÁLISE DA ASCENSÃO DA MULHER NEGRA VIA ESCOLARIZAÇÃO EM SALVADOR/BA .

Edilene Machado Pereira.

Cita:

Edilene Machado Pereira (2009). *MARIAS QUE VENCERAM NA VIDA: UMA ANÁLISE DA ASCENSÃO DA MULHER NEGRA VIA ESCOLARIZAÇÃO EM SALVADOR/BA*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/880>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

TEXTO COMPLETO

MARIAS QUE VENCERAM NA VIDA: UMA ANÁLISE DA ASCENSÃO DA MULHER NEGRA VIA ESCOLARIZAÇÃO EM SALVADOR/BA¹

Ex Bolsista da Fundação Ford: Edilene Machado Pereira (Doutoranda).

Orientadora: Terezinha Bernardo.

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP.

Palavra Chave: Gênero, Raça; Mulheres negras; Representação Social; Trajetórias de sucesso.

Email: dilapereira2@gmail.com e ms.soc.lenamachado@gmail.com

Edilene Machado Pereira

INTRODUÇÃO

Este estudo retrata a mulher negra que está se inserindo no mercado de trabalho pela elevada escolaridade, propondo contribuir para a compreensão do assunto abordado, através da investigação do mesmo. Para este trabalho foram investigados mecanismos de exclusão, gestados e perpetuados ao longo do nosso processo histórico-social, buscando expor como tais processos influenciaram a construção de suas identidades sócio-raciais. As mulheres negras aqui estudadas conseguiram vencer os obstáculos, enfrentando o racismo, a discriminação de gênero e raça, através de muita luta pela elevação da escolaridade, superando vários desafios.

No procedimento metodológico utilizou-se a abordagem comparativa para demonstrar a continuidade temporal da desigualdade e os pontos comuns dos recursos utilizados pelas mulheres negras entrevistadas em suas trajetórias individuais no processo educacional de ascensão e não meramente os pontos comuns entre as próprias.

A MULHER NEGRA E SUA JORNADA

Entre os séculos XV e XIX, foram traficados da África para o Brasil, aproximadamente quatro milhões de homens e mulheres, para exercer inúmeras atividades, na lavoura, pecuária, extração mineral e vegetal (SHUMACHER, 2007, p.39). As mulheres escravizadas, particularmente, tiveram presença ativa em vários setores, seja na produção do açúcar, na manufatura e nas Casas Grandes executando também todo o tipo de serviço doméstico. Inclusive, utilizaram as habilidades culinárias, aperfeiçoadas nas cozinhas das casas grandes, para produzir quitutes que comercializavam em prol do sustento de sua

¹ Este artigo aborda alguns aspectos desenvolvidos em minha dissertação de mestrado (Pereira, 2008)

família alforriada. Todo lugar onde houve um escravizado, houve uma mulher negra vendendo nas ruas, em trabalho informal.

Após a Lei Áurea, as mulheres negras aproveitaram brechas no mercado de trabalho livre que se formava, conseguindo assim melhores oportunidades de trabalho que seus parceiros.

O destaque da presença negra no comércio concentrava-se nas mulheres que eram chamadas de negras de tabuleiro. Elas infernizavam autoridades de aquém e de além-mar (...) pelo Brasil afora. (BERNARDO, 2003, p. 40).

Continuaram também a ser ótimas comerciantes, foram também amas, lavadeiras, cozinheiras. Entretanto, por sofrer dupla discriminação, de raça e gênero, foi-lhes negado direitos sociais básicos como a escolarização. Assim, enquanto as mulheres brancas entraram no mercado de trabalho já escolarizado, as mulheres negras, mesmo tendo desde sempre trabalhado, não contaram com o benefício da escolarização.

Logo, a situação da mulher negra, tornou-se mais grave que a do homem negro, pois as diferenças de gênero e raça interagem de forma explícita discriminando, e perpetuando antigos modelos de exploração. Dados do IBGE (2002) mostram que embora a população negra esteja na base da pirâmide econômica, a mulher negra quando comparada com o homem negro, recebe salários menores, assim como ocupa os postos mais desvalorizados (SHUMACHER 2007 p.229).

A abolição não foi acompanhada por políticas públicas destinadas a integrar os negros libertos à sociedade brasileira, o que contribuiu para reforçar as desigualdades entre a população negra e a branca.

Atualmente, para uma parte das mulheres negras, a escolarização vem gradativamente rompendo a barreira da raça, possibilitando sua ascensão profissional e social. O estudo em níveis mais elevados tem-lhes possibilitado alcançar postos que outrora lhes eram inacessíveis, gerando assim, outra condição profissional, identitária e de vida.

A perpetuação das desigualdades de oportunidades entre negros e brancos vem se perpetuando no Brasil, contribuindo para desmascarar a falsa “democracia racial”, da sociedade brasileira. Segundo SILVÉRIO (2004, p.323), a democratização só será concretizada à medida que a sociedade brasileira reconhecer e procurar equacionar com medidas concretas sua dívida histórica com a população negra, permitindo uma mobilidade educacional e econômica que, segundo ele, tem sido retardadas ou simplesmente evitadas a esta parcela significativa da população brasileira.

MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA

As mulheres sujeitas dessa pesquisa, que na sua grande maioria estudaram em escola pública aos poucos vêm conseguindo ascensão, gerando mudanças nesse quadro nacional de exclusão social, educacional e profissional, traçando suas trajetórias confirmado que o alto grau de escolarização consegue mudar a trajetória posta para as mulheres negras, que nascem pobres. Superando as dificuldades raciais, econômicas e de gênero, vencendo as adversidades e tornando-se bem escolarizadas e grandes profissionais em suas respectivas áreas, pautando uma nova versão da história das mulheres negras no Brasil, como as mulheres soteropolitanas residentes em Salvador na Bahia.

MULHERES VENCEDORAS

O sistema de cotas implantado na cidade de Salvador pela UNEB no ano de 2002 e pela UFBA em 2005 mudou de forma significativa o quadro racial estudantil universitário na cidade citada, dando maior acesso a população negra e indígena a universidade (QUEIROZ & SANTOS 2007).

Tais ações afirmativas possibilitam a inserção de estudantes negros e índios oriundos das escolas públicas, em cursos considerados de maior prestígio como Engenharia, Medicina, Direito, Arquitetura, Odontologia e Psicologia, que pelo tradicional sistema nacional não teriam logrado êxito em grande escala nesses cursos mais competitivos.

Entre as trabalhadoras negras, porém, nota-se uma barreira discriminatória com a permanência do velho estereótipo, reforçado, sobretudo, pela imprensa, que atribui às desvantagens enfrentadas pela mulher negra à sua baixa escolaridade, apesar de ser o segmento que mais investe na educação, ainda que com atraso.

Essa mesma barreira discriminatória que se torna entrave para a escolaridade reflete no mercado de trabalho. Segundo estudos realizados por OLIVEIRA (1992, p.21), onde analisou a cidade de Salvador em relação ao mercado de trabalho, aproximadamente 52% da população da Bahia é constituída por mulheres e mais de dois terços (77,4%) de afro-brasileiras. Situação comprovada na expressiva presença no mercado de trabalho local, todavia com um alto padrão de segregação ocupacional e desigualdade salarial. Observa-se, assim que o sistema de exclusão implantado no cenário brasileiro no passado ainda ecoa de forma nociva nas classes atingidas.

As entrevistadas mostram que a persistência para vencer, apesar de demorarem mais tempo para concluírem os estudos, tem sido sua estratégia para superar esses obstáculos, reafirmando a pesquisa de FIGUEIREDO (2002).

Elas conseguiram sua ascensão social, econômica e educacional, conquistando assim, a elevação da sua auto-estima, e a entrada em um mercado de trabalho possuidor de acesso restrito para as mesmas. Além da problemática de gênero, tiveram e têm que enfrentar a questão racial dentro do gênero, e do padrão estético que as excluem de determinados cargos e empresas. Conseguiram vencer as barreiras acima enumeradas, superando as adversidades e a marginalidade que suas mães e antepassadas sofreram e que muitas ainda sofrem.

Existem semelhanças nas trajetórias dessas mulheres no que se refere a infância e escolarização, mesmo tendo escolhido áreas profissionais distintas e serem vitoriosas nas mesmas, havendo também em comum a certeza que precisavam estudar muito para mudar e alcançar seus objetivos.

Devido a isso se dedicaram aos estudos, procurando sempre ser uma das melhores alunas e aproveitar todas as oportunidades para ascender socialmente, se distanciando do passado familiar:

[...] Então, nasci em Dias D'Avila minha família... Éramos dez filhos de meu pai e minha mãe, dos dez, nove irmãos teve um filho que minha mãe criava porque achavam poucos os nove, três mulheres e sete homens, sou encostada a mais velha, Lene. Meu pai é quase analfabeto e minha mãe tem o fundamental, não tiveram condições de estudar... (Maria, Socióloga 35 anos).

[...] Então a gente cresceu ouvindo que era importante estudar, estudar, estudar sempre. De todos os problemas que a gente tinha, a única coisa que não se admitia era faltar aula, era a única coisa. Meu pai visualizou pra gente como única oportunidade de crescimento social e profissional a educação. De todos os problemas que a gente tinha, a única coisa que não se admitia era faltar aula, era a única coisa, o estudo é fundamental. Então meu pai sempre pensou nisso pra gente... (Luisa, médica 35 anos).

[...] Minha avô fazia marmita pra fora, era baiana de acarajé essas coisas todas. Então eu freqüentava assim a escola de branco, a rua de branco, a casa de branco e eu estava fazendo parte daquele contexto por acaso, não tinha livro para estudar. Então sempre foi assim, eles sempre fizeram sacrifício para me manter porque queriam me dar uma educação melhor do que eles tinham por eu ter uma vida melhor do que as que eles tinham ...(Gisana, Nutricionista 41 anos).

Para elas continuarem os estudos, terminarem o Ensino Médio e entrar na Universidade era uma aspiração quase impossível, levando-se em conta que para alcançarem esse objetivo de se integrarem na sociedade de classes (FERNANDES, 1965), teriam que driblar o preconceito, racial, sexual e econômico. Por isso, chegar ao terceiro grau, e na Universidade era para a família dessas mulheres as quais entrevistei um sonho. Seu destino estava traçado, que era cuidar da família e ajudar nas despesas. Estudar e ter um título era para os brancos, e os filhos dos brancos.

[...] Meu pai sempre me incentivou nos estudos, para ele essa era a porta de crescimento econômico, social e profissional, para uma mulher negra, pagou os meus estudo na Universidade católica como motorista, quando não pode mais eu consegui o credito educativo... (Rita, Promotora 50 anos).

[...] Meu pai, sempre incentivando a estudar, pra ter um padrão de vida melhor e pra ter uma... Cada um procurar seu caminho, ele ficou desempregado e ai começou a. (Geila, Arquiteta 38 anos).

[...] e ai meu pai sempre dizia que a gente tinha que estudar muito para passar em um concurso público, ser um funcionário público, pois era a chance que nos tínhamos de sair do sistema de discriminação Não tinha livro então eu ia para biblioteca e copiava o assunto. Eu cheguei a salvador em 1973 e em 1978 eu concluir meu segundo grau. Fiz o concurso publico para a fazenda... (Graça, Contadora 50 anos).

Porém, essas mulheres não se acomodaram a esse “destino” e conseguiram o “impossível” que era passar no vestibular, e muitas delas em Universidades Publicas. Entrar na Universidade foi para elas uma vitória grandiosa.

[...] Esperava meu filho dormir, numa casinha, a gente morava la no IAPI. Deixava ela dormir e ia estudar. E ai eu fiz vestibular para enfermagem eu queria ser enfermeira. Ai eu fiz vestibular na UFBA e na UEFS passei nas duas. Tive esse privilégio. Toda a minha vida foi assim. O curso na UFBA não foi uma coisa fácil. Dentro daquela universidade nos somos extremamente discriminados. Somos poucos... (Lúcia, Enfermeira 50 anos)

[...] fui a primeira a fazer faculdade na minha família, aliás, infelizmente não se estendeu muito na família só eu e minha irmã Ivone tem faculdade, tem graduação. Procuo ajudar minha família financeiramente... (Maria, Enfermeira 48 anos)

[...] Já estava casada e com um a filha quando passei no vestibular, momento único, de orgulho, eu entre meus irmãos que desistiram de estudar... (Diná, Historiadora 42 anos).

Sair de seu local de origem, enfrentar dificuldades econômicas, de moradia, foi muito difícil, entretanto, atualmente olhar para trás e perceber o quanto andaram e pertencerem a uma classe que por nascimento “não lhes pertencia”, e poderem optar onde desejam morar é para essas mulheres uma trajetória de sucesso (OLIVEIRA, 2004). Por definição, ascensão social denota crescimento econômico, mudança ascendente territorial.

Distanciadas do universo de origem, do seu referencial familiar, aprendem a valorizar cada conquista, passaram por experiências de luta como negras e pobres em uma sociedade racista e estão vencendo o sofrimento e a luta pela vida digna.

[...] eu fui morar em Sussuarana, que eu juntei com uma prima minha e a gente comprou um pedacinho de terreno lá. Então eu aluguei um quarto, continuei morando de aluguel, e fui levantando um cômodo nesse pedacinho de terra que a gente tinha comprado. Então eu fiz um quarto e um banheiro. Era uma invasão nova, ali na estrada das Barreiras. Até que eu passei na faculdade e dois anos depois que eu passei fui morar na residência universitária convocava a mudança. (Telma, Farmacêutica 33 anos).

O efeito dos atos discriminatórios que sofrem no ambiente profissional, de forma velada ou aberta, questionando sua capacidade profissional são situações que ainda frequentes, requer uma construção diária de uma consciência crítica contra os mecanismos utilizados contra elas para bloquear sua ascensão profissional.

[...] São várias farmacêuticas, somos cinco na equipe. A relação de coleguismo é o seguinte: tem aquela relação de trabalho... Eu sei que eu sou uma pessoa que sempre me impus. E aí eu via

algumas resistências para aceitar minha liderança, por eu ser mulher e negra, sei que me respeitam, ali dentro, lá fora é diferente... (Telma, Farmacêutica 33 anos).

[...] Fui sócia de um laboratório, só que minha sócia era assim, ela era mais clara do que eu, mulata. Depois fui descobrir depois de muito tempo que ela era muito racista e eu negra sócia dela, todo mundo que chegava ao laboratório, ela nunca me apresentava como sócia dela foi uma fase muito difícil... (Selma, Bioquímica 52 anos).

Essas mulheres acreditavam que por meio do alto grau de escolarização elas estavam conseguindo vencer barreiras históricas raciais, entretanto começam a conscientizar-se que o racismo institucional é uma barreira vencida por pouquíssimos negros brasileiros, por ser a raça um entrave, superior ao gênero.

A trajetória dessas mulheres foi pautada por lutas e lideranças mesmo dentro da própria família, mostrando assim, como a formação sócio-educacional pôde transformar suas trajetórias diretamente reportadas à cor de suas peles e a diferenças de origem racial e social, onde verificamos os conflitos e as experiências de suas lutas.

[...] Na graduação você encontra negros, na pós, cadê o negro? Você faz a prova de inglês é eliminatória. Foi uma alegria imensa passar na Graduação e depôs na pós onde o funil é bem menor, é um sentimento de vitória... (Gisana, Nutricionista 41 anos).

[...] A universidade me tirou da condição de miserável e me colocou como elite. Uma mudança, radical, porque a partir do momento que eu entrei... que eu comecei no Aliança, aí mudou radicalmente. Porque a renda da nossa família é muito baixa. (Graça, Contadora 50 anos).

QUEIROZ (1996) evidencia que, para quebrar as barreiras étnicas, a mulher negra procura, através da escolaridade, fugir da posição discriminatória em que se encontra. Os efeitos dos atos discriminatórios se refletem na postura de enfrentamento e valorização da sua imagem, para serem respeitadas como seres humanos e profissionais competentes independentemente da raça, aniquilando essa situação perpetuada desde a chegada dos africanos no Brasil.

Elas representam as mulheres negras soteropolitanas, suas lutas e conquistas. O caminho percorrido por elas foi árduo, trazendo à lembrança os obstáculos enfrentados por nossas antepassadas, que foram as primeiras a percorrerem essa estrada de discriminação e vitória, deixando-nos o legado da persistência e da coragem de não se deixar abater totalmente e ser vencedoras, apesar de ainda existir um caminho cheio de dificuldades raciais e de gênero. Estamos construindo nossa identidade e nosso legado para outras gerações que despontam.

As mulheres sujeito dessa pesquisa estão vivendo um processo de ascensão social, percebendo-se sua mobilidade social ascendente numa sociedade multirracial e racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho busca comprovar mudanças no cenário racial referente à elevação da auto-estima das afro-descendentes. Através de pesquisa realizada, encontramos ainda evidente grau de exclusão racial, entretanto, verificamos também um número significativo de mulheres pertencentes a essa categoria, elevando-se profissionalmente, socialmente e principalmente no nível educacional, dissipando com isso barreiras seculares envolvendo raça e gênero.

Na contramão da perpetuação de situações de exclusão e desigualdade, observa-se ao longo da história, que uma parcela das mulheres negras brasileiras está conseguindo vencer as barreiras educacionais e alcançar projeção no mundo acadêmico e no mercado profissional. Porém por ser ainda um número pequeno, não aparece nas estatísticas, dificultando a possibilidade de visibilidade de uma sociedade marcada pelo preconceito racial camuflado e perverso, com um persistente processo de exclusão, que insiste em ignorar as diversidades raciais, regionais e culturais dessa nação múltipla.

Na incorporação ao mercado de trabalho, as negras sofrem maiores sanções em relação a sua aparência física, seus traços fenotípicos, demonstrando que o gênero e a raça fazem bastante diferença na construção da auto-imagem da população *não branca*. O que “para um gênero e etnia pode ser uma vivência e um percurso de afirmação de uma auto-imagem, para outra etnia e gênero pode ser um percurso traumático deformador” (GOMES, 1995:18).

Percebe-se que ser *mulher negra* no Brasil, representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e um conflito constante entre a negação e a afirmação das origens. Resultando em perdas e principalmente, vitórias individual ou coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDO, Teresinha. *Negras, Mulheres e Mães - lembranças de Olga de Alaketu*. 1. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Educ / Pallas, 2003. p. 40 v. 1. 194 p.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus Editora/ Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- FIGUEIREDO, Ângela - *Novas Elites de Cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador*. São Paulo: CEAA, Annablume, 2002, 1ª ed, p. 117.
- GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza. Edições, 1995.
- OLIVEIRA, Lucio Otavio Alves. *Persistência da Dimensão de Vivência Racial de Pessoas Brancas: Representações de Branquitude entre Indivíduos Brancos*. Salvador – Bahia.: 2004, p. 68.
- OLIVEIRA, Raquel de. *Relações raciais na escola: uma experiência de intervenção*. São Paulo, 1992. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. *Mulher negra: Trabalho e Educação*. Salvador-Ba: 1996.
- QUEIROZ, Delcele Mascarenhas & SANTOS, Jocélio Teles dos. *Cotas Raciais no Brasil: A primeira avaliação. Coleção Políticas da Cor. – Sistema de cotas e desempenho de estudantes nos cursos da UFBA. DP&A editora. 2007.*
- ROSEMBERG, F. *Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica*. Educação e Pesquisa, São Paulo: v.27, n.1, p.47-68, 2001/07.
- SCHUMACHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.
- SILVÉRIO, Valter Roberto. *Negros em movimento: a construção da autonomia pela afirmação dos direitos*. In: Joaze Bernardino. (Org.). *Levando Raça a Sério*. 1ª ed. Rio de Janeiro: DPA Editores, 2004, v. 1, p. 39-69.